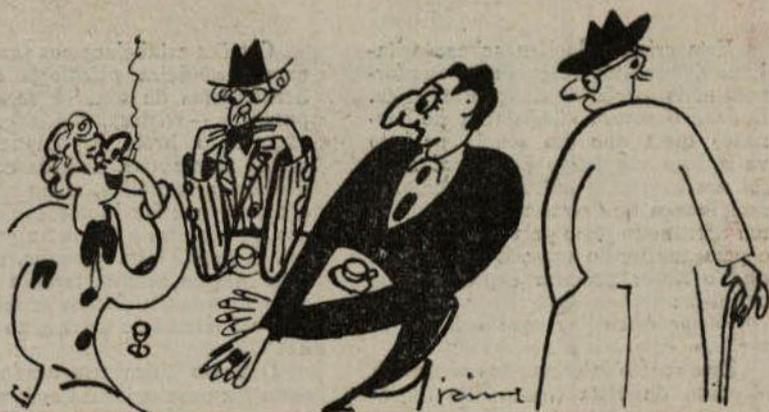


de SOL a SOL



Associação Feminina Portuguesa para a Paz

A Mulher Portuguesa querendo dar uma parte do seu esforço ao movimento pacífico, que em certos países tem encontrado os maiores aplausos e adesões, fundou em Lisboa a «Associação Feminina Portuguesa para a Paz», cuja actividade começa a ser conhecida em todo o país.

Estando à margem de qualquer ideologia política e acima de todas as paixões, a «A. F. P. P.» tem um único objectivo: «lutar pela harmonia entre os povos».

Nas circulares enviadas às suas consóciadas, a «A. F. P. P.» diz: — «A nossa adesão não traduz só o elementar sentimento humano de horror à guerra, não traduz só aquela constante preocupação pela sorte dos nossos filhos, dos nossos maridos, dos nossos irmãos, dos nossos pais e da nossa Pátria; traduz ainda a convicção de que podem evitá-la os milhões de seres que, como nós, a detestam, e significa sobretudo a vontade de contribuímos para a evitar realmente, a vontade de transformarmos em acção as ideias de que dispusermos para tal».

Que as Mulheres Portuguesas compreendam bem o sentido humano destas palavras, que interpretam bem o desejo de Paz da «A. F. P. P.»

Segundo nos consta, organiza-se actualmente no Porto uma delegação desta Associação, onde as mulheres portuenses encontrarão ensejo de colectivamente empenhar seus esforços em prol da Paz, como já o faz a sua irmã da Capital.

Para a nova delegação, as saudações de «SOL NASCENTE».

Unamuno

Unamuno, esse homem extraordinário que há pouco vimos desaparecer, esse homem cheio de inflexível incoerência, é simbólico no desconcertante ciclo que se atravessa. Jámais a sua incoerência pode demonstrar desonestidade ou cobardia porque a dureza implacável com que nos surge desmentem-no categoricamente.

No último número deste jornal friza João Alberto no artigo de que é autor sobre o grande vulto da Espanha moderna:

«O que o destaca, sobretudo, é a sua natureza trágica, a causa mais causa da sua influência social.

A constante contradição da obra de Unamuno por vezes paradoxal e incoerente, a intermitente oscilação de razões contrastantes, tinham que gerar esse potencial dinâmico, sua característica mais poderosa».

—E com efeito assim é.

Quando o homem atinge a potencialidade máxima do seu individualismo metafísico, é fatal a luta com o meio ambiente, Daí essa imensa legião de desesperados, que por vezes renunciam ao acto mais natural e dignificante: VIVER.

João de Barros e o inter- cambio luso-brasileiro

Tem ultimamente apresentado «O Primeiro de Janeiro» alguns curiosos artigos de João de Barros, nos quais o grande escritor procura dar uma ideia resumida de enorme

actividade intelectual brasileira dos nossos dias. Num dos últimos artigos focava João de Barros a questão do livro português no Brasil; depois de uma análise cuidadosa das causas da não «presença» do nosso livro naquele país João de Barros acompanha o alvitre de Julião Quintinha n.º «O Diabo»: A criação do «Instituto Nacional do Livro» destinado a coordenar todos os esforços e iniciativas à difusão do nosso livro e no qual estariam representadas as Associações de escritores, de livreiros, de gráficos, de jornalistas, etc.

Escusado será dizer que «Sol Nascente» dá todo o seu apoio a iniciativas desta natureza e que, conforme prometeu, vai dedicar muita da sua atenção ao importante problema da aproximação intelectual luso-brasileira.

Em breve dará provas disso.

Uma escritorzinha

Portugal assiste ao desabrochar de qualquer coisa que há-de ser alguma coisa no nosso meio. Trata-se de uma muito jovem escritora que tem já publicado em diversos jornais, ora escrevendo poesia de que sobressai uma castidade muito pura, ora escrevendo em prosa cheia de candura e levesa. Por vezes entra nos problemas sérios da vida onde porém não atinge a gravidade necessária porque a sua idade lhe falseia, naturalmente, os passos. E ainda bem que isto se dá, porque, de contrário tê-la iamós de considerar, não invulgar mas anormal.

Esta escritorzinha conta 15 anos e assina Hanid Estela. «Sol Nascente» apresentará, em breve, colaboração sua.

Várias

Ao que parece, pensa-se agora a sério (felizmente que no nosso país quando se pensa em qualquer coisa é logo a sério) em desenvolver entre nós a acção regionalista.

Achamos bem que isto se faça — e tanto mais se esse regionalismo tiver em vista uma maior aproximação das nossas províncias — pois que tal, não só auxilia um maior conhecimento do nosso rico folclore como permite a abertura do espírito popular para a alegria despreocupada, para uma boa disposição interior — condição primordial de um rejuvenescimento nacional.

Há, intimamente, uma inquietação no seio da gente moça. Por toda a parte a juventude aparece a mostrar que quer e pode trabalhar.

«A Ideia Livre», de Anadia, iniciou agora a publicação de uma «Página de Gente Moça», que é dirigida por Augusto de Figueiredo Machado Franco.

Parece que nos deve trazer coisas apreciáveis. Veremos.

Há pouco, também, apareceu, cremos que em Lourenço Marques, uma fôlha impulsionada por gente da nova geração: «ANSEIO», a qual se sub-intitula: «Tentativa dos Novos».

Havia, nos números que vimos, coisa digna de especialização.

Dar-se-á o caso de Portugal assistir ao início de um renascimento mental como vê de há tempos o Brasil?

SOL
nascente

Secretário de redacção: Afonso de Castro Senda

Administrador: Manuel Azevedo

Director de publicidade: Orlando Braga

ASSINATURAS: Série de 5 números, 5 escudos — Série de 10 números, 10 escudos
(Pagamento adiantado)

Porto, 15 de Fevereiro de 1937 — Ano primeiro — Número dois

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

